



"É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO...PRUUU! FICA LOGO DURO": DESEJO, EXCITAÇÃO E PRAZER ENTRE BOYS DE PROGRAMA COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS EM RECIFE

Normando José Queiroz Viana ¹

Durante as inserções no campo, quando da ocasião do mestrado, tive a oportunidade de acessar um contexto diverso e rico em possibilidades analíticas no tocante ao mercado homoerótico no centro urbano de Recife. Diversidade que também se estende aos sujeitos entrevistados, distintos em tipos, características e histórias de vida. No entanto, ao passo em que se particularizam em seus universos subjetivos, existe na história de vidas desses sujeitos algo que os uniformiza, algo que os identifica como pertencentes a determinado grupo. Os boys de programa², ao se inserirem, ou serem inseridos, no mercado homoerótico do Recife, se engendram de modo que possam operar naquele lugar, conseguindo o dinheiro almejado e, de quebra, ouriçando e obtendo o prazer das cenas sexuais nas quais se engajam.

Pensar o fenômeno da prostituição, nos remete de imediato ao “lugar comum” que compreende que este se constitui em uma experiência do feminino, ou seja, mulheres e meninas, quando, no máximo, considera-se também a experiência das travestis.

Nesse contexto, credita-se ao masculino o papel de cliente, daquele que consome os serviços sexuais das prostitutas e das travestis, ou o do cafetão, o que serve ao agenciamento; compreensão que termina por invisibilizar aquelas modalidades de prostituição que encontram nos homens os seus executores.

A anúncio da prostituição viril (PERLONGHER, 1987) encarrega-se de revelar o protagonismo de homens que se encontram inseridos no mercado do sexo nos centros urbanos das grandes cidades. No Recife, tal ocorrência também se faz presente e é identificada quando da inscrição de homens, diferentes em tipos e estilos, no mercado homoerótico local, cuja constituição se dá a partir ou em paralelo ao exercício da prostituição viril³ tanto em espaços de domínio público quanto nos de domínio privado.

Quando me refiro aos espaços de domínio privado, digo de alguns estabelecimentos, tais como: bares, boates, cinemas e saunas, entre outros, geralmente destinados ao público homossexual

¹ Psicólogo, especialista em psicologia social e comunitária e mestre em psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

² Forma como os homens que se prostituem em Recife se autodenominam (Souza Neto, 2009).

³ Terminologia utilizada por Perlongher (1987) para referir-se a homens que se prostituem e para tanto representam o estereótipo do homem másculo.



masculino. Vale ressaltar que apesar de esses espaços não serem organizados para o exercício da prostituição, percebe-se que eles servem à acolhida de tal prática entre os serviços prestados. Sendo assim, a michetagem passa a figurar em alguns destes estabelecimentos, sobretudo nas saunas, em especial nas duas às quais tive maior aproximação em decorrência da realização do campo, como principal atrativo, incrementando a natureza da razão social destas, a de clube de entretenimento e lazer.

Em relação aos espaços de domínio público, me refiro à rua propriamente dita, sobretudo às ruas do centro comercial do Recife, no bairro da Boa Vista, especialmente a Praça Oliveira Lima e imediações, no horário da noite. Aqui a ambiguidade da rua e a ausência de limites concretos, o que possibilita, quando não obriga, os boys a estabelecerem uma relação, seja ela de maior ou menor proximidade, com toda sorte de “marginais e desviantes”⁴, como também ambulantes e boêmios que constam da composição do mercado homoerótico local, parece ser característica que a distingui quando da comparação com a ocorrência da prostituição viril em espaços de domínio privado.

Aqui vale salientar que a discussão sobre as dimensões do público e do privado no contexto abordado não se restringe às características a pouco pontuadas, visto que nem sempre aquilo que compreendemos como sendo da ordem do público é assim identificado, único e exclusivamente, pelo fato de sua ocorrência ter a rua como cenário, uma vez que muitas das práticas são realizadas as “escondidas”, ou seja, sob as diretrizes do privado, nos carros, becos e recantos do centro urbano da cidade. Semelhante paradoxo também se dá no âmbito do privado, fato observado quando da compreensão de que a ocorrência das transações sexuais em espaços arquitetonicamente limitados não garante seu caráter privado.

Constatai que o delinear desse mercado, especificamente no tocante ao exercício da michetagem, não se restringe, conforme diz o senso comum, ao caráter informal e clandestino que este assume, sobretudo quando da ocasião da prostituição cuja ocorrência se dá nas ruas. Fato que se confirma, mesmo que veladamente, quando se observa cuidadosamente a rotina dos boys que batalham⁵ nas saunas, rotina essa que em muito se assemelha à de qualquer trabalhador com horários estabelecidos, fardamento apropriado, chefia, assim como toda uma estrutura hierárquica a ser identificada e respeitada, entre outros aspectos.

Dessa feita, pude perceber que o exercício da michetagem no Recife não se dá a partir dos interesses pessoais e solitários dos boys de programa, nem tampouco num vazio institucional; este, sim, ocorre articulado a todo um aparato logístico, que, creio eu, já existente, se adaptou às

⁴ Ler Freitas, 1985.

⁵ Batalha: categoria nativa utilizada pelos/as profissionais do sexo para fazer referência ao exercício da prostituição.



peculiaridades da michetagem, e que, no contexto ao qual aqui me detenho, possibilita o acesso, tanto dos boys quanto dos clientes, a uma espécie de rede que viabiliza a realização dos programas.

Tal rede tem-se revelado útil à operacionalização do exercício da michetagem, pelas possibilidades de proteção e acesso a informações que estas disponibilizam aos boys de programa tanto no âmbito da prostituição de rua como nas saunas.

Na situação da prostituição viril em espaços de domínio público – a rua –, o comércio formal e informal, sobretudo, o de alimentos e bebidas, que se instala na região investigada, configura-se como elemento que constitui uma espécie de rede de proteção. Sendo assim, cada lanchonete, barraca de pastéis ou banca de bombons serve à comercialização de uma gama de itens que não constam exclusivamente dos seus cardápios.

Parece-me que a condição de clandestino na qual os comerciantes se encontram, acrescido à localização ocupada pelos mesmos na geografia do lugar, geralmente situa-se nas calçadas, esquinas ou meio-fio, os inscreve num universo de marginalidade do qual o boy de programa que batalha nas ruas também faz parte. Talvez essa seja uma das hipóteses explicativas acerca da proximidade dos boys com tais comerciantes, e como estes se têm revelado peças importantes na rede que constitui o comércio homoerótico no centro do Recife.

Nesses estabelecimentos, entre o preparo e a venda de sanduíches, bebidas e cigarro, também se comercializa informações úteis aos boys, como também apoio logístico a eles.

No âmbito da prostituição viril em espaços de domínio privado, não apenas a noção, mas também a materialização dessa “utilidade à operacionalização dos programas”, ganha robustez, criando contornos mais definidos, quando comparada à sinuosidade identificada na situação da prostituição de rua.

A anunciação de tal mercado, que, ao emergir do mercado do sexo, e este, por sua vez, encontrar pouso no mercado de entretenimento e lazer da noite recifense, revela características distintas marcadas por diferenças e semelhanças que, falam de uma forma de comercializar práticas sexuais homossexuais. Estas, associadas à comercialização de alimentos, bebidas e cigarros, registram um mercado peculiar pouco conhecido.

Este estudo não só reitera o que Souza Neto (2009) outrora havia sinalizado, como também fortalece seu argumento a respeito da anunciação do mercado homoerótico no Recife, apresentando as minúcias que os constituem na experiência cotidiana, possível por meio do revelar de sua face logística, articuladora e informativa, que parece proporcionar aos boys nele inseridos as condições necessárias à realização dos programas. Ao se inserirem, ou serem inseridos, no mercado



homoerótico do Recife, os boys, sejam eles adolescentes ou adultos, com práticas ocasionais ou não, são apresentados a uma espécie de código de ética que define quais roteiros devem ser seguidos por aqueles que desejam ser ou “acontecem” de estar profissionais do sexo.

Aqui a adoção de um *modus operandi* diz como os boys devem se portar e agir no cotidiano do exercício da prostituição viril no Recife, que, salvo as diferenças oriundas do contexto em que a prostituição se dá, se no âmbito privado ou público, em linhas gerais esta se refere à introjeção de um protocolo que encontra em olhares, posturas, estéticas corporais diversas, com ênfase na do corpo malhado, (VIANA, 2010), figurinos e intenções, alguns dos elementos que o constituem. Sendo assim, faz-se necessário que os sujeitos inseridos nesse contexto busquem estratégias para que tal protocolo se torne possível. Para tanto, a “modelagem dos corpos e das almas” se faz útil a esse propósito.

Tomo de empréstimo expressão que consta do projeto de Foucault (1988), inaugurado por Mauss (1974), que apresenta as técnicas de si como formas de os sujeitos modelarem seus corpos e comportamentos adequando-os ao contexto. No negócio do michê no Recife, percebo que a adoção destas técnicas de si se faz presente de forma diversa. Entretanto, algumas destas revelam-se mais recorrentes e talvez, quem sabe, mais relevantes.

Dentre as técnicas percebidas, duas delas tem-se mostrado importantes para o exercício da prostituição viril no Recife. São elas: 1) o exercício mental e a 2) modelagem dos corpos para o orgasmo. Elas se realizam a partir de um lastro cultural mais amplo, onde os sentidos do monetário, as fontes privilegiadas de prazer corporal cartografadas em gênero, oferecem os recursos para que o jogo do sexo seja encenado no negócio do michê.

No tocante à técnica do exercício mental, percebo o quanto esta, mesmo não sendo um recurso exclusivo dos boys, serve a estes como estratégia fundamental para o desenrolar do ciclo sexual, conforme apresentado por Masters e Johnson (In. ROBINSON, 1977).

Percebe-se também que a adoção de outros recursos, inclusive medicamentosos, se associam a essa prática. Alguns dos entrevistados relatam não ser raro entre os boys o uso de medicação para obter a ereção, nem sempre desejada, mas necessária à realização do programa. Comum também é o recurso dos vídeos pornô, inicialmente com programação destinada ao público heterossexual, sendo inseridos, paulatinamente, vídeos com programação homossexual.

Constatação interessante surge quando da análise das entrevistas e conversas informais, parcela expressiva dos boys diz que, na ocasião do exercício mental, pensa em outras mulheres, geralmente as “mulheres da rua”, para conseguir se excitar, ficar de “pau duro” e manter a ereção



até o fim do programa. Nesse contexto de provocar e manter a excitação, a ejaculação consta entre as práticas sexuais identificadas no negócio do michê no Recife como uma das mais raras e caras.

Para que esta ocorra, faz-se necessário observar alguns critérios: um deles diz respeito à sensação de esgotamento físico que a ejaculação proporciona, impossibilitando a realização, a contento, dos demais programas da noite. No entanto, tal prática, apenas ocorreria com a efetuação de pagamento compatível com os ganhos que o boy viria a ter caso levassem a cabo todos os programas da noite.

Outro aspecto que também deve se levar em conta consiste na dimensão subjetiva que aponta o desejo do boy como fator que, associado ou não, à efetuação do pagamento, teria caráter decisivo no tocante à ocorrência do orgasmo. Ou seja, quando o cliente corresponde a padrão estético que agrada ao boy, este, em certas ocasiões, pode chegar ao orgasmo, aqui, pelo que me parece, orgasmo este que vem satisfazer a necessidade do boy, e não do cliente, como é de praxe.

Atravessando todo esse jogo sexual, encontramos o dinheiro para além do argumento da necessidade de sobrevivência. Este funciona como uma espécie de “fio condutor”, perpassando e conectando outros substratos, que não o unicamente econômico, presentes no negócio do michê no Recife.

No decorrer da pesquisa pude perceber que, nesse contexto, as categorias modernas de homossexual e heterossexual são jogadas na interlocução com o arranjo categorial dos segmentos populares: bicha/feminino/passivo e homem/masculino/ativo. Um jogo marcado por relações de poder que hierarquiza prazeres (estar sexualmente com outro homem), fontes corporais de excitação (anus/boca e pênis), posições dos órgãos do prazer na interação sexual (penetrativo e receptivo) e performances de gênero (gestualidades apreendidas como masculinas e femininas), ao mesmo tempo em que solda imaginariamente as quatro ordens categoriais.

Também discuti como se institui a nomenclatura utilizada para que os homens que ofertam serviços sexuais falem de si – boys de programa – e os jogos de sentido, marcados no corpo e no ambiente, para não perderem o status de homens, ainda que experimentem práticas homossexuais.

Nesse contexto, propus que o termo boy de programa, em detrimento a profissional do sexo, permite um arranjo que significa o trabalho do sexo como não-trabalho, e a prática homossexual como transitória; do mesmo modo, o espaço protegido das saunas dão maior garantia de masculinidade para os homens que não estão expostos ao olhar público não entendido nas ruas da cidade.



Não obstante, Souza Neto (2009) já nos falou sobre esse esquema de significados, que muitas vezes encobre uma série de arranjos interacionais que não cabe no modelo ideal. Assim, ele descreve tanto o embaralhar das práticas como das categorias, que se hibridizam para falar da vida como ela é. Do mesmo modo, explorou alguns dos recursos para justificar práticas que destituem a virilidade dos boys. Arranjos que buscam restituir a posição viril dos homens, de modo, inclusive, a que não descapitalizem a si mesmo no negócio onde a masculinidade, significada pela contenção dos prazeres anais, é uma das principais fontes de erotização/capitalização desses homens.

Discussão teórica que Lucas exemplifica com muita propriedade:

[...] Rapaz, é tudo psicológico, porra! Besteira, fechou o olho, pensou que era uma mulher...[pausa]. Hoje em dia e antigamente o que fala mais alto é o dinheiro, é o dinheiro... [pausa]. Tem dinheiro o pau do cara faz pruuu [sobe], fica logo duro. “Virado num molho de coentro”⁶ mesmo. LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO (VIANA, 2010).

Surge então um quadro interacional no negócio do sexo, que articula desejo, prazer e excitação de modo diferenciado do apresentado pelas teorias sexuais em voga.

No caso de Lucas, uma motivação normalmente qualificada como não-sexual (dinheiro) institui, no lugar do desejo sexual, uma transação que para ser realizada necessita de técnicas de excitação que não passam pelo contato físico entre os corpos e onde o prazer pode ganhar registros também extra-sexuais.

Na perspectiva de contribuir para aprofundar a análise, a questão tratada nesta dissertação foi a de quais recursos esses homens se utilizam para se engajar numa transação sexual com outros homens, ao mesmo tempo em que querem manter uma posição identitária heterossexual.

Distanciei-me da suspeita frequentemente acionada por intelectuais orgânicos aos movimentos identitários homossexuais (quer se afirmem em teorias essencialistas ou construcionistas) de que, na verdade, dada a homofobia que marca a cultura brasileira, esses homens são homossexuais “enrustidos” que se utilizam do manto do trabalho sexual para viver o que não poderiam experienciar de outra forma. Afinal, como conseguem ficar excitados na ausência de desejo? Como conseguem ejacular na falta do prazer?

Não neguei que essa possibilidade analítica pudesse ter referente empírico; e, de fato, para alguns garotos gays identificados essa é linha interpretativa utilizada para significar as experiências que têm lugar na cena sexual do mercado do sexo masculino:

⁶ Virado num molho de coentro: Expressão do ditado popular local para traduzir pressa e/ou grande velocidade no desenvolvimento de algo.



[...] Rapaz, eu digo aquela coisa: se a pessoa se passa pra tá no quarto com outra pessoa é por que rola prazer. LUCAS, BOY DE PROGRAMA, 19 ANOS, MORENO (VIANA, 2010).

Não obstante, persegui neste trabalho (e dando crédito ao que diz outra parte dos homens com que conversei) o arranjo discursivo de alguns boys de programa, que fundam suas práticas laborais na heterossexualidade e em motivações (desejos) e prazeres (e ejaculações) extra-sexuais. Levei a sério e melhor investiguei esse arranjo, o que me permite agora ir além e contribuir para pensar o esquema hegemônico de pensar a sexualidade que propõe a solda acima aludida (e que esconde uma pluralidade de práticas em processo) e uma organização da sexualidade onde desejo/excitação/prazer/ejaculação se inscreve num modelo motivacional focado na nebulosidade do instinto sexual, dedicado à recensão teórica sobre sexualidade.

Proponho que, na falta de teorização sistematizada, empiricamente embasada sobre a relação natureza (fisiologia) e cultura no engendramento das condutas humanas, essencialistas (e mesmo construcionistas) do sexual sacam da manga um protomodelo quase teórico, fundado em padrões de comportamento universalizados a partir de uma ideia mais geral de base fisiologista, onde intumescência/detumescência das gonodas são articuladas a um motor (objeto do desejo) marcado por uma classificação naturalizada dos corpos e dos seres em homens e mulheres, cujo objetivo reside na reprodução.

Talvez, a grande contradição ou inconsistência do modelo esteja mesmo no esquecimento de que não apenas o objetivo do instinto não se sustenta analiticamente, mas o objeto, homens e mulheres, são categorias sociais que têm uma indexação teórica datada (LAQUER, 2001). Como nos mostra Machado (2005), na atualidade as polêmicas que envolvem, por exemplo, os seres que possuem marcas classificadas como atributos biológicos de um ou outro sexo vêm desestabilizando as ciências e as clínicas médicas, o que tem, inclusive, solicitado novos e inusitados esforços classificatórios.

O que os homens que entrevistei dizem é que conseguem trazer a mulher desejada para a cena sexual por meio da imaginação, e com a imagem reencantam o corpo que ali, na cena sexual comercial, se lhes oferece para a interação. Conseguem, ao longo de muitos anos de trabalho, ir se desapegando da imagem e focando em partes (bunda/ânus) que se autonomizam generizadas como femininas. Em síntese, eles aprendem um conjunto de técnicas corporais que possibilitam colocar sobre seus controles aquilo que é entendido pelos sexólogos como padrão natural de comportamento: o instinto sexual.

Assim, pude ver no meu campo uma abertura de objeto e uma modulação do objetivo que destitui de validade o modelo instintivo proposto. Como diria Gagnon (2006), no negócio do sexo



as práticas sexuais podem, muitas vezes, independer de um desejo sexual (que na maior parte das formulações teóricas, e em especial na psicanalítica, se apoiaria em um instinto (sexual) inato, para dele decolar), se fundando no caso, muitas vezes, em um desejo por dinheiro, ou mais amplamente, pelo consumo de bens que a situação financeira, sem o negócio do sexo, não possibilita.

A questão, aqui, como já aponte, não é negar a natureza ou as sensações provocadas pela fisiologia humana, mas discutir que essas sensações internas só ganham sentido quando apreendidas pelo modo como a cultura de uma dada comunidade ordena o mundo; compreender que esses arranjos externos se inscrevem na carne-fisiologia; e pensar que as subjetividades, ainda que se organizem a partir da heteronorma/cultura, o faz de modos singulares em grupos e pessoas de uma mesma comunidade cultural, a depender das trajetórias no mundo (RIOS, 2004).

Nesse sentido, tendo a concordar com Lucas que a experiência do prazer e da excitação no negócio do sexo é mesmo psicológica. É esse psicológico que Bruner (1990) qualifica como enraizado na cultura. Um psicológico que se constitui a partir da trajetória do ser humano do mundo e que, ao invés de ser determinado e cerceado pelo biológico, a partir de técnicas de si (FOUCAULT, 1988) coletivamente formadas para modular almas e condutas afeitas a determinado fim (cultural), é capaz de dar asas a um ser que não nasceu para voar; fazer um homem heterossexual gozar com outro homem, ainda que o modelo instintivo de pensar diga que isso é inviável e o queira remeter para a esfera da homossexualidade.

Assim, no contexto da cultura capitalista e da lógica de mercado do negócio do michê, “o que fala mais alto é o dinheiro, é o dinheiro... (pausa). Tem dinheiro, o pau do cara faz pruuu (sobe), fica logo duro.”

Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Cláudia Fares. Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, 1987.

BRUNER, Jerome. **Atos de significado para uma psicologia cultural**. Lisboa, Portugal, Edições Escuta, 1990.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: G. L. Louro (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade, Belo Horizonte; Autentica 1999.

_____. **“Foucault e a terapêutica dos prazeres”**, In: Agora – estudos em teoria psicanalítica. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em teoria psicanalítica – Instituto de Psicologia UFRJ. Vol. II. Nº 1 jan./jun., 1999.



- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- ELLIS, Haverlock. **O instinto sexual**. Tradução Álvaro Eston. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.
- FABREGÁS-MARTINÉZ, Ana Isabel. **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. (org.) Regina Maria Barbosa ET al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- Foucault, M. (1988). **A vontade de Saber**. (História da Sexualidade, Vol. 1). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).
- GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre a sexualidade**. Tradução: Lúcia Ribeiro da Silva; Revisão técnica Sérgio Carrara e Horácio Sívori. – Rio de Janeiro; Garamond, 2006.
- LAQUER, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MACHADO, Paula Sandrine. **Sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a reprodução do sexo (como se fosse) natural**. Cadernos pagu (24), janeiro-junho, pp.249-281, 2005.
- MAUSS, Marcel- **As técnicas do corpo** In- MAUSS, Marcel (org)- *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Ed. Cosac Naif, 2005.
- MAUSS, Marcel. "**Relações Reais e Práticas entre Psicologia e Sociologia**". In: *Sociologia e Antropologia* (vol. I). São Paulo: E.P.U./EDUSP. pp. 177-206; 1974.
- PERLONGHER, Nestor Oswaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- RIOS, Luiz Felipe, 2004. **O Feitiço de Exu: Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, UERJ/REDE SIRIUS/CB.
- ROBINSON, Paul, 1977. **A Modernização do Sexo**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.
- RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Florianópolis/SC (UERN). 2008.
- SANTOS, Elcio Nogueira dos. **Sexualidades, corporalidades, transgressões. Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia – PUC – SP, 2008.
- SOUZA NETO, Epitacio Nunes de. **Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife**. Dissertação de Mestrado/Programa de Pós-graduação em Psicologia- UFPE, 2009.
- VIANA, Normando José Queiroz Viana. **“É tudo psicológico/pruuu e fica logo duro!:** desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife”. O autor. Dissertação – UFPE/CFCH. Psicologia, 2010.